

# Os cinemas baianos: decadência e pornôs

Luiz Paulino dos Santos

“Trezentas e sessenta e cinco igrejas na Bahia tem”, de acordo com a música de Caymmi e o visual das torres projetadas no meio do casario colonial. Ninguém contou.

E os cinemas? Quantos ainda existem na Bahia?

Nos anos 50 a Bahia tinha cerca de 20 cinemas, hoje quase todos em triste decadência, entregues aos vergonhosos pornôs. Cinemas que tiveram a sua história e hoje estão prostituídos.

Entre as décadas de 40 e 50, no início da Baixa dos Sapateiros, existia o Cine Pax, com 2 mil lugares. No meio ficava o saudoso Olímpia, substituído pelo Cine Aliança. Entre a subida do Barbalho e a entrada do Tabuão, quase chegando ao Largo das Sete Portas, havia o Jandaia.

O Cine-Teatro Jandaia, das irmãs Wanda e Ivone Pires, destacava-se pela arquitetura da reforma que sofreu em 1930. Entrada gradeada, escadaria de mármore branco em curva, corrimões de ferro rococó, os estilos misturados sobre influência do neoclássico europeu. Pelas paredes de pintura requintada pendiam os quadros de ricas molduras com os ídolos da tela, entre eles, Errol Flynn e Veronica Lake. Penetrando-se no majestoso salão em forma de ferradura via-se os camarotes sustentados por esculturas de ninfas e alto-relevos floridos em tons de azul-celeste.

O Jandaia ficava repleto, com gente de fora esperando as próximas sessões para assistir aos dramas sentimentais em produções mexicanas. As filas eram intermináveis, dobrando pela Ladeira de Saúde para ver *Santa* e outros dramalhões com música de Agostim Lara. Na penumbra do cinema as pessoas se afogavam nas lágrimas e no sofrimento apaixonado de Libertad Lamarque derramado nas suas canções, se embalavam nos boleros de Pedro Vargas e Fernando Fernandes. As mocinhas de organdi morriam de paixão por Ricardo Montalban e a rapaziada da geral se excitava com o reboledo das rumbas de Antonieta Pons e Ninon Sevilha. O segundo filme geralmente era um *cow-boy*: Buck Jones, Bill Elliot, Johnny Mac Brown, Fuzzy Knight, Jack Elam, Roy Barcoft. Depois apareceu Randolph Scott. Fechavam o programa com o seriado *Os Perigos de Paulina e Nioka*. Cada vez que elas conseguiam se safar o cinema inteiro respirava e gritava: “— Écolhuda!”, gíria baiana que significa mentira. Ninguém perdia as aventuras interplanetárias de Flash Gordon.

No Largo da Sé, ao lado do Palácio Episcopal, ficava o Cinema Excelsior, o mais novo e luxuoso lançador do

final da década de 50. Na apertada Rua Saldanha da Gama, por onde passavam os bondes provenientes dos bairros chiques, existia o Cinema Liceu, freqüentado pela elite.

O ponto era na porta do cinema. A grã-finagem baiana entrava e se avolumava no rico salão de espera, mostrando os trajes suntuosos; as mulheres de seda e tafetá ru-fante, os homens de linho irlandês diagonal ou panamá, o gerente Heráclito cheio de mesuras. Nos fundos do Liceu ficava o Cine Popular, com programas triplos, que foi a minha escola básica de cinema. Na Praça Castro Alves, com o *dancing* Tabaris ao fundo, ficava o Cine-Teatro Guarani (atual Cine Glauber Rocha).

Embaixo do prédio do jornal *A Tarde*, numa confluência da Rua Rui Barbosa com a Rua Chile, estava localizado o Cinema Glória. Ainda no Centro de Salvador permanecia o Santo Antonio, cineminha barato que reprisava os filmes do circuito dos cinemas dos frades da Congregação Mariana. No auge do cinema como comunicação de massa os franciscanos comandados por Dom Hildebrando, o cabeça dos negócios no convento, resolveram ampliar a sua cadeia para os bairros mais distantes. Construíram o Cine Roma, em centro estratégico do bairro do mesmo nome, para atingir e dominar as regiões do Bomfim, Monte Serrat, Boa Viagem, Mares. No outro extremo abriram o Cine Rio Vermelho, que nunca deu muito certo até os dias de hoje, apesar de o bairro ser intermediário de Amaralina, Pituba, Vila América. Outro cinema das adjacências que também não funcionou foi o Ondina. O Cine Itapagipe, na Madragoa, perto dos Alagados, também era programado pelas organizações franciscanas. O Cine Brasil, na Estrada da Liberdade, o mais popular e populoso bairro baiano, era independente, foi fundado na década de 50 pelo espanhol Júlio Juncal, atravessou boas e más fases e no fim de sua carreira virou dan-ceteria e esconderijo de ladrões.

No final da década de 50 a Art Filmes entrou no mercado exibidor da Bahia abrindo o Cinema Art na Rua da Ajuda, atualmente Astor, um cinema pornô. Nos bons tempos, o filme que fez maior sucesso no Art foi um indiano, com muita música e paisagem da Índia, história romântica, ficou três ou quatro semanas em cartaz, um fato inédito na Bahia. Nesta época, o grupo de Francisco Pithon estava com toda a força e resolveu ampliar os seus domínios construindo o Cinema Tupi no fim da Baixa dos Sapateiros e o Tamoio na Rua Rui Barbosa. Os irmãos Gat-

to, da colônia espanhola baiana, resolveram entrar no negócio de cinema e abriram o Capri no Largo 2 de Julho, no Democrata, casa exibidora que não funcionou bem porque a sua programação nunca se definiu entre o popular e a elite. No Bairro Politeama, existiu o velho Cine-Teatro Politeama, que se transformou no Bristol.

Muitos desses cinemas já não existem mais. O advento da televisão diminuiu o público e a febre arquitetônica dos viadutos, túneis, arranha-céus e *shoppings* rasgaram grandes avenidas e abriram pequenas salas exibidoras (Iguatemi I e II, Art I e II, Itaipara I e II). Ao contrário do Rio e São Paulo, as salas de cinema da Bahia não diminuíram muito em quantidade, e sim em tamanho. Apesar de os cinemas Bahia e Glauber Rocha serem de

boas proporções, não comportariam a metade do público do velho Cine Pax.

Eu e muitos companheiros guardamos saudosas lembranças destas casas exibidoras; elas faziam parte de nossas vidas. Para quem se dedicou à arte do cinema, estas salas funcionaram como uma universidade. Confesso que me senti diplomado em matéria de cinema no dia em que o Cine Pax exibiu o meu filme *Crueldade Mortal*. Fui para a cabine com o projetorista que, por deferência especial, limpou o velho projetor, apertou a motolia e jogou óleo lubrificante na máquina. Não adiantou o carinhoso esforço: fiquei com a cópia (novinha) toda arranhada. O projetor estava em frangalhos, a maioria das cadeiras estava quebrada e as paredes manchadas de mofo.

Espaços do Sonho



Aberto em 1940 e demolido nos anos 70, o Olinda (Praça Saens Peña) era o maior cinema do Rio.